

A gente se encontra na Loucura

We find ourselves in madness

Isabella Lanave¹ (PPGAV-UNESPAR)

Resumo: A arte como forma de transformação pessoal; ensaio visual referente ao trabalho da artista, que há anos fotografa sua mãe, uma mulher neurodiversa. O ensaio propõe a criação de um outro imaginário para o que seria a loucura estigmatizada pela sociedade. Um olhar afetuoso para um sofrimento mental e estrutural.

Palavras-chave: fotografia. arte. loucura.

Abstract: *Art as a form of personal transformation; a visual essay about the work of the artist, who has been photographing her mother, a neurodiverse woman, for years. The essay proposes the creation of another imaginary for what would be madness stigmatized by society. An affectionate look at mental and structural suffering.*

Keywords: *photography. art. madness.*

DOI: <https://doi.org/10.47456/93ajdt82>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

¹ Formada em Comunicação Social – Jornalismo e se especializou em Saúde Mental e Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestranda em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná. Atua no mercado como fotógrafa e como diretora de fotografia. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0985-3475>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0385695914427388>.

Apresentação

Como é estar com alguém que dirige de olhos fechados? Os desejos de não viver mais nesse território atrelado a uma violência psicológica, causada por um ex-companheiro, levaram minha mãe a ser internada inúmeras vezes em hospitais psiquiátricos. A cada saída, um diagnóstico a mais para a sua loucura, além do diagnóstico de Transtorno Bipolar, que a acompanha há 20 anos. Desde a adolescência, eu vivia na busca de encontrar os motivos para justificar como ela se sentia; quando questionava familiares, recebia respostas que, para mim, não eram suficientes – hoje, penso que também era muito difícil para eles entenderem o que acontecia.

Há 13 anos, entrei na faculdade de jornalismo e fui me interessando pela fotografia, começando a fotografar as mulheres de minha família, entre elas a minha própria mãe, Sueli de Fátima. Logo, comecei um processo de terapia e foi muito próximo desse início, também com a minha aproximação com o campo das artes visuais, que compreendi que as imagens que eu fazia com minha mãe faziam parte de uma série, que nomeei, em um primeiro momento, de “Fátima” – o segundo nome de minha mãe, do qual ela nunca gostou muito.

Conforme fui me adentrando no projeto, ficou nítida a importância de sua existência. Ainda vivemos em uma sociedade onde o sofrimento mental severo é estigmatizado, o que traz como consequência uma dificuldade para quem os sofre, mas também para quem está ao lado dessas pessoas. No meu caso, como filha, tive que aprender sozinha o que eu deveria fazer em cada situação de crise que minha mãe passava. Tive que aprender sozinha que interná-la em um hospital psiquiátrico em todas as crises ia ser uma solução apenas momentânea; os familiares são também excluídos do entendimento do processo terapêutico, e falar sobre a loucura acaba sendo moralmente um tabu.

Eu cresci achando que minha mãe era louca, pois isso foi o que me disseram, junto com a indicação de levá-la para uma internação psiquiátrica. Foi o que fiz durante muitos anos, ainda adolescente e,

depois, no início da fase adulta; porém, sempre sentia que algo estranho existia ali. As crises de minha mãe tinham sempre o mesmo motivo: uma suposta traição por parte do meu padrasto; mas ele era “um marido tão prestativo e bom”, que a família achava que nunca seria capaz de fazer isso. Foram precisos 25 anos, inúmeras tentativas de suicídio, 7 internamentos longos em hospitais psiquiátricos e uma câmera colocada em casa, no ano passado, para que todos descobrissem a verdade: nunca havia sido apenas a loucura da minha mãe; na verdade, era a sua intuição tentando nos dizer que algo estava errado.

Nesse período todo, sempre tive muita dificuldade em lidar com essas idas e vindas dos hospitais; nunca entendia muito bem o que acontecia e, quando ela estava em crise, eu não conseguia ficar perto sem chorar; foi aí que, em 2012, comecei a fotografá-la e, inconscientemente, usei da fotografia como uma forma de me comunicar com essas situações das quais tinha vontade de fugir. A minha arte foi uma grande aliada nesse processo de reconhecimento e humanização materna.

Durante os últimos anos, eu e minha mãe criamos muitas imagens, sempre com o desejo de refletir como ela se sentia e como gostaria de ser vista pela câmera. É curioso que, nesse tempo, nunca tive vontade de fotografar ela com meu padrasto, o foco era sempre ela sozinha, pouquíssimas vezes eu ou meu irmão entramos em cena, e menos ainda ele. Sinto que, de alguma forma, o nosso corpo sabia que havia algo de muito errado nessa história toda.

Hoje, minha mãe se separou e está vivendo uma vida mais tranquila, sem surtos psicóticos há mais de um ano. Espaços foram abertos para uma aproximação de nossa relação em um lugar saudável e amoroso. A loucura agora ganha espaço na diversão e não mais no sofrimento. As imagens a seguir contam um pouco mais desse percurso.



Figura 1. Acervo da artista. Sueli de Fátima, minha mãe, sentada em uma poltrona branca, no meio de uma floresta, com os dois braços e o rosto levantados para cima. Ela está de roupas claras, alguns metros distante da câmera. A poltrona também é clara, o que promove um contraste entre sua forma e a maior extensão da imagem, que está em verde escuro e preto, nas sombras das plantas e árvores. A parte superior da imagem apresenta a faixa horizontal de um céu parcialmente nublado.



Figura 2. Acervo da artista. Sueli de Fátima, no pôr do sol, olhando para a câmera; metade de seu rosto está sombreado com a sombra dos cabelos da filha, que estava tirando a foto.



Figura 3. Acervo da artista. Uma tempestade de nuvens escuras se formando no céu. A parte de baixo da imagem possui nuvens mais claras, do centro para cima, assim com o centro horizontal da imagem, as nuvens são mais densas e escuras. Elas parecem descer em um formato curvo acentuado. A fotografia não mostra chão ou terra.



Figura 4. Acervo da artista. Sueli de Fátima em posição fetal em cima de um sofá azul escuro. Sueli está vestida inteira de vermelho, com botas de couro marrom e um lenço vermelho estampado com bolinhas pretas amarrado sobre seus cabelos curtos e escuros. Na ocasião, ela estava em um surto psicótico, na casa de sua filha, aguardando vaga para uma clínica psiquiátrica. Vemos Sueli de cima, em um ambiente pouco iluminado, da parte superior da imagem, descem duas mantas de tecido alaranjado



Figura 5. Acervo da artista. Quarto de hospital. Um colchão coberto por lençol branco com um casaco vermelho em cima, à direita. O colchão está sobre um telado, a alguns metros da câmera. Ao fundo, observa-se a paisagem do pôr do sol, com a maior parte do ambiente já escuro, montanhas, montanhas recortadas pelos céus e as nuvens cinza e alguns prédios com poucas luzes à direita



Figura 6. Acervo da artista. Sueli de Fátima, com um vestido branco, sentindo o vento no corpo no meio de uma plantação de arroz. Sueli está centralizada, com braços estendidos para baixo, com a boca aberta, como se falasse com alguém na direção de quem fotografa. A maior parte da imagem é ocupada pela plantação de arroz, com vários tons de verde. Em perspectiva, há duas linhas formadas pelo rebaixamento de parte da plantação, como se Sueli estivesse no meio de uma estrada verde que se perde no horizonte. Ao fundo, na parte superior da imagem, a faixa de nuvens no céu cinza e uma grande montanha à esquerda.



Figura 7. Acervo da artista. Maria, a irmã mais velha, está sentada em um colchão; Luceli, a irmã do meio, e Sueli de Fátima, a irmã mais nova, recostam as cabeças em seu colo. Maria, de cabelos claros e longos, vestindo um vestido marrom, olha para a câmera e acaricia a cabeça de Sueli, veste uma camisa acinzentada estampada com bolinhas brancas; ela está de olhos fechados e um braço estendido na direção da câmera, sobre o colchão azul-claro. Luceli está logo atrás de Sueli, menos recostada, com vestido escuro, parte do seu resto esconde-se atrás do ombro esquerdo de Sueli, de modo que percebemos apenas seus olhos abertos, olhando para a esquerda da



Figura 8. Acervo da artista. Sueli de Fátima subindo uma escada que parece dar no céu, em uma construção abandonada, logo após sua saída de um internamento psiquiátrico. Ela está centralizada e usa um vestido claro estampado, está com os cabelos curtos, seu corpo virado para a direita, com o joelho direito dobrado para subir um degrado. A parte inferior da imagem é escura. Logo atrás de Sueli, a escada vira-se para a esquerda e passa a ser iluminada. O recorte da laje de concreto grossa, onde termina a escada, corta da imagem horizontalmente. Fotografada de baixo, percebemos o busto de Sueli já com o fundo do céu parcialmente nublado, acima do recorte da laje grossa.



Figura 9. Acervo da artista. Mãe e filha: o encontro de seus lugares na constelação chamada família. Duas mulheres deitadas sobre grama alta, centralizadas, com floresta e céu azul ao fundo. Uma delas está de branco e recosta-se sobre a outra, de roupa escura, que segura sua cabeça e sorri levemente.

Referências

GONÇALVES, Tatiana Fecchio da Cunha. **A representação do louco e da loucura nas imagens de quatro fotógrafos brasileiros do Sec. XX**: Alice Brill, Leonid Streliaev, Cláudio Edinger, Cláudia Martins. 2010. 309 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1613843> . Acesso em: 10 maio 2025.

MAGLOIRE BOURNEVILLE, Désiré. **Hystéro-Épilepsie Attaque délire** (fot.). 1876. Disponível em: <https://collections.library.yale.edu/catalog/15831536> . Acesso em: 10 maio 2025.

Recebido em: 16 de maio de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.